

A questão da formação psicanalítica na SPPA

Luiz Carlos Mabilde*, Porto Alegre

O autor reflete sobre o ensino na SPPA e aprofunda o exame de sua formação psicanalítica. Propõe uma discussão aberta e dialética sobre aspectos evolutivos, conflitivos e ideológicos que caracterizam sua história. São estabelecidas três fases do seu desenvolvimento e fatos marcantes que as delimitaram. Por último, o autor conclui ser a existência de duas correntes opostas de opinião – conservadora e progressista – a responsável por distintas formas de conceber/executar o ensino e seus inevitáveis conflitos. Ensino psicanalítico de psicanálise versus ensino de psicanálise, eis a questão!

Palavras-chave: formação psicanalítica, ensino psicanalítico, alternativas de ensino.

* Psiquiatra, psicanalista didata e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Encaro – como o título acima explicita – a formação psicanalítica na SPPA como um tema controverso desde a sua concepção. Sua evolução foi marcada por dúvidas, discussões e modificações, sobretudo nas duas últimas décadas. Segue complexa e talvez jamais deixe de sê-lo, em mais uma evidente constatação das três profissões impossíveis: educar, analisar e governar (Freud, 1925).

Em sua fase inicial (décadas de 40 e 50), as coisas pareciam muito diferentes. Foram tempos praticamente idênticos ao que Freud (1914) viveu e denominou de *isolamento esplêndido*, em face do domínio de um novo conhecimento por um (ou poucos) e do restrito grupo que o cercava. Lançada a arrebatadora teoria, estava criado o mistério que a acompanhava, razões inerentes à idealização dos pioneiros e submissão quase religiosa de seus seguidores. Em outras palavras, não existiam problemas, mas sim o esplêndido prazer de pertencer ao grupo.

Com a passagem do *Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre* (1957) para *Grupo de Estudos Oficial da IPA* (1961), começa a fase intermediária da formação psicanalítica da SPPA, na qual não se observam mudanças essenciais na postura e doutrina acima destacadas. O que houve – isto sim – foram encargos maiores, reestruturação estatutária/administrativa e um número crescente de participantes. Nosso Instituto adotou o modelo Eitingon (1925), seguindo os padrões oficiais da IPA, o qual, sem nenhuma modificação, perdurou por trinta anos na SPPA, mesmo depois de sua promoção à Sociedade Componente, em 1963.

Digno de nota, neste ponto, é lembrar que dois revisionismos oficiais, na área do ensino, ocorreram durante essas três décadas. Tanto o francês (1960) assim como o uruguaio (1980) contestaram e implantaram importantes alterações na ênfase e forma do modelo Eitingon. Nosso Instituto, no entanto, passou incólume pelo tempo e por tais movimentos, numa clara evidência da sua posição ideológica eminentemente conservadora, em detrimento de outra de características progressistas. O fato é que seus analistas didatas, reunidos na Comissão de Ensino, sentiam-se confiantes e seguros de que, com o modelo de formação analítico original, sempre formariam bons analistas clínicos. E, deste ponto de vista, não estavam errados.

Sim, formamos bons analistas, os quais se tornaram bem conhecidos e conceituados – dentro e fora da IPA – exatamente pela consistência ética e clínica. Mas isso bastaria? Como sabemos, todas as estruturas conservadoras – quer econômica, sócio ou cientificamente – desenvolvem-se por um determinado tempo, mas, a menos que aceitem a democratização do poder e influências imperiosas da realidade externa, fagocitam suas próprias capacidades e se extinguem

melancolicamente. Assim sendo, era hora das mudanças. Afinal, faltava-nos um centro de atendimento psicanalítico e maior inteiração com a comunidade cultural e científica. Não havia tradição, entre nós, para as publicações e pesquisas. Ademais, tínhamos que evoluir para além da forte influência kleiniana e de seus desenvolvimentos, bem como da psicologia do ego, implantados, desde as origens, junto com o eixo fundamental da formação: o estudo da obra de Freud. Mais do que isso, era inadiável a revisão dos critérios de seleção, promoção e avaliação de candidatos e membros, bem como os relativos às supervisões curriculares e os determinantes do status do analista didata e da comissão de ensino, na busca de um modelo mais integrado aos novos tempos, menos isolacionista e mais flexível.

O terceiro período (1990-2010) é, pelo lado teórico e técnico, iniciado por uma sucessão de trabalhos escritos por autores da própria SPPA, que questionaram nossa formação analítica. Problemas com a idealização e seus desvios (Calich *et al.*, 1995), com o contexto socioeconômico (Eizirik, 1996a), com os professores (Mabilde, 1998a), com a questão (Mabilde, 1998b) e a inércia (Mabilde, 1998c) do ensino psicanalítico, com o destino do didata (Mabilde *et al.*, 2000) e de sua contratransferência (Eizirik, 1996b), com a transmissão do método analítico (Gus, 2001), com o Instituto como *setting* (Araújo *et al.*, 2002), com nossos critérios e procedimentos (Mabilde, 2002), com o didata como analista e o candidato como paciente (Mabilde, 2003), com a atualização do nosso modelo (Mabilde *et al.*, 2007), com responsabilidade ética (Levy, 2007), com critérios para avaliação final dos candidatos com base na supervisão (Mabilde, 2007a), com a extensão da análise didática (Mabilde, 2007b), com o ideal do ego na inter-relação instituto-candidato (Gus *et al.*, 2008), com o narcisismo do analista (Mabilde, 2008, 2009) e da instituição (Mabilde, 2009) foram abordados por esses trabalhos. E, pelo lado prático, pelos debates, resistências e modificações, realizados no âmbito da Comissão de Ensino.

Estas últimas foram introduzidas, em lento compromisso com o tempo, nas áreas do programa, dos critérios formativos do candidato e abrangência do analista didata. As principais mudanças foram as seguintes: pacientes das supervisões oficiais poderiam ser do mesmo sexo; supervisões simultâneas foram autorizadas; horas de supervisão, em casos interrompidos, foram validadas; reduziu-se para um único, ao invés de um por disciplina, o trabalho de fim de ano de seminários; o trabalho (clínico) para pleitear os títulos de psicanalista e membro associado pôde versar sobre casos das supervisões curriculares; analista didata passou a ser não informante; tempo de análise anterior com um didata foi validado para efeito de o aspirante iniciar seminários; análise didática condensada foi aceita; a alta da análise didática – antes do término da segunda supervisão – passou a ser viável;

quebrou-se a exclusividade de o didata analisar o candidato, bastando ser membro efetivo e já estar analisando o mesmo.

Também, em 1993, foi criada a *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Desde 1994, passamos a contar com o *Centro de Atendimento Psicanalítico* (CAP) e, a partir de 1997, deu início o *Curso de Formação de Psicanalista de Crianças e Adolescentes*. A partir de 2003, começamos a editar livros e já lançamos quatro deles. Hoje, contamos com eventos já tradicionais junto a áreas afins e à cultura.

Não obstante os avanços acima citados, nossa formação analítica segue sendo uma questão em aberto. Dadas as resistências às mudanças, somos muito lentos em introduzi-las. Não por acaso, fomos um dos dois últimos Institutos da IPA a aceitar psicólogos para a formação e a análise condensada (entre outros exemplos). Insiste-se com a figura do didata e com um compulsório trabalho escrito sobre o desenrolar de uma análise, para que o graduado obtenha título(s) a que já fez jus. Ainda que o debate seja salutar, a responsabilidade indispensável e o equacionamento uma questão de tempo, impõe-se uma pergunta: qual a natureza da procrastinação?

Minha resposta retoma o que está no corpo deste trabalho. Temos dois impasses: um relativo à concepção e outro à execução da formação analítica. Quanto ao primeiro, de características doutrinárias, uma ala advoga um ensino psicanalítico de psicanálise (Laplanche, 1980), enquanto outra professa um ensino de psicanálise. Embora sutil, a diferença é crucial: num é aplicado o modelo da análise terapêutica, cuja técnica subscreve a identificação e a interpretação como forma preponderante da transmissão do conhecimento psicanalítico, ao passo que a segunda ala a insere no contexto global de ensino/aprendizagem, o qual constitui um processo cognitivo pelo qual se cria ou se modifica uma resposta a uma determinada situação mediante a percepção ou o exercício de novas soluções.

O segundo impasse – já se vê – decorre do primeiro. Para o grupo um, a execução exige a figura do analista didata; para o dois, um professor de psicanálise. A tendência mostrada pelas modificações, acima listadas, aponta para uma valorização maior das funções didáticas e menor do título de didata, no que coincide com a evolução da própria IPA (Erllich, 2006) ao admitir oficialmente três modelos distintos de formação analítica.

Como em todo impasse, ambos os lados têm argumentos sólidos, sérios e consecutivos, razões pelas quais a discussão não tem hora para terminar. Talvez nem deva, afinal sabemos da importância do processo dialético para a abordagem psicanalítica. □

Abstract

The question of psychoanalytic training at SPPA

The author reflects on the education at SPPA and deepens the examination of his psychoanalytic training. He proposes an open and dialectical discussion about evolutionary, conflicting and ideological aspects, which characterize his history. Three phases of its development and milestones are established. Finally, the author concludes that the existence of two opposing currents of opinion – conservative and progressive – are responsible for different forms of understating and fulfilling the education and its inevitable conflicts. Psychoanalytic education of psychoanalysis versus education of psychoanalysis, this is the question!

Keywords: psychoanalytic training, psychoanalytic education, alternative education.

Resumen

La cuestión de la formación psicoanalítica en la SPPA

El autor reflexiona sobre la enseñanza en la SPPA y profundiza el examen de su formación psicoanalítica. Propone una discusión abierta y dialéctica sobre los aspectos evolutivos, conflictivos y ideológicos, que caracterizan su historia. Son establecidas tres etapas de su desarrollo y hechos memorables que las delimitaron. Por ultimo, el autor concluye ser la existencia de dos corrientes opuestas de opinión – conservadora y progresista – la responsable por distintas maneras de concebir/ ejecutar la enseñanza y sus inevitables conflictos. Enseñanza psicoanalítica del psicoanálisis versus enseñanza del psicoanálisis, esa es la cuestión!

Palabras clave: formación psicoanalítica, enseñanza psicoanalítica, alternativas de enseñanza.

Referências

Araújo, M. S., Eizirik, C. L., Gus, M. & Mabilde, L. C. (2002, septiembre). O Instituto como setting para as funções didáticas: algumas reflexões (Relatório oficial da SPPA) *Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis*, 24 e *Congreso de Institutos de Psicoanálisis*, 1. Montevideu, Uruguay.

Calich, J. C., Hartke, R., Levy, R. & Lewkowicz, S. (1995). A idealização e seus desvios na formação analítica: novas reflexões. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 2 (3), 455-463.

Eitingon, M. (September, 1925). Eitingon education: preliminary discussion of the question of analytical training. In *Bulletin of IPA*. [Londres: IPA].

Eizirik, C. L. (1996a). Contexto sócio-econômico e formação analítica. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 2 (2), 277-285.

_____. (1996b). A contratransferência do analista didata e seus destinos (Relatório oficial da SPPA). *Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis*, 21. Monterrey, EUA, 1996.

Erlich, S. (2006). *Relatório do Comitê da IPA*. [Londres: IPA].

Freud, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. In _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 12-119). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1925). Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn. In _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 338-345). Rio de Janeiro: Imago, 1972.

Gus, I., Mabilde, L. C., Araújo, M. S., Gus, M., Levy, R. & Lewkowicz, S. (2008, septiembre). O ideal do ego na inter-relação instituto-candidato (Relatório oficial da SPPA). *Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis*, 22. Santiago, Chile.

Gus, M. (2001). A dificuldade de transmissão e prática do método psicanalítico nas condições atuais da clínica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 35 (3), 441-51.

Laplanche, J. (1980). *A angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Levy, R. (2007). A responsabilidade ética na transmissão da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (4), 39-52.

Mabilde, L. C. (1998a). O ensino psicanalítico na SPPA: estudo sobre as condições atuais de seus professores. *Congresso Brasileiro de Psicanálise*, 20, Brasília, DF, Brasil, nov. 2005.

_____. (1998b). A questão do ensino psicanalítico na SPPA. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 5 (3), 305-306.

_____. (1998c). Trocando de século e de modelo: contraponto à inércia do ensino psicanalítico. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 2 (1), 267-70.

_____. (2002). *Revisitando nossos critérios e procedimentos na área do ensino* (Trabalho apresentado a Comissão de ensino do Instituto da SPPA). Porto Alegre.

_____. (2003). O didata como analista e o candidato como paciente. *Pré-Congresso Didático do Congresso Brasileiro de Psicanálise*, 16, Recife.

_____. (2007a, July). Sobre critérios para avaliação final do candidato com base no trabalho clínico supervisionado. *Pre-congress workshop for training analysts*, 45. Berlim, Alemanha.

_____. (2007b, outubro). A extensão da análise é muito longa? *Encontro de Institutos de Psicanálise da América Latina*, 11, São Paulo.

_____. (2008, mayo). El narcisismo Profesional em la vida del analista. *Congreso Argentino de Psicoanálisis*, 7, Córdoba, Argentina.

_____. (2009, maio). O narcisismo do paciente, do analista e da instituição: compulsão ou pesadelo? *Congresso Brasileiro de Psicanálise*, 22, Rio de Janeiro.

Mabilde, L. C., Berlim, G. I., Faria, C. G., Machado, P. M. & Pechansky, I.(2000). Prometeu y el destino del didacta. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 4 (1), tomo II, 379-89.

Mabilde, L. C., Berlim, G. I., Gus, M. & Nogueira, J. A. (2007). Percurso rumo a um modelo atualizado de formação analítica na SPPA (Relatório oficial da SPPA). *Pré-Congresso Didático de Psicanálise*, 21, Porto Alegre.

Recebido em 28/01/2013

Aceito em 06/02/2013

Revisão técnica de **Magali Fischer**

Luiz Carlos Mabilde

Rua Tobias da Silva, 99/303

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: mabilde@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA